



## **Chaves Múltiplas para Diversas Grades: “Modernização Conservadora”, sociabilidade e cotidiano em narrativas sobre a chegada da televisão no Sertão Central cearense**

Edmilson Alves Maia Júnior<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo analisa mudanças da sociabilidade e cotidiano em Quixadá-CE nos 1960, 1970 e 1980, narradas por entrevistados e a partir da presença dos aparelhos de TV e as repercussões do “fluxo” televisivo na modernização conservadora da ditadura. Interpretamos seus relatos a partir de discussões sobre História e Memória e Tempo e Narrativa, com alguns importantes autores: Certeau, Mello, Novais, Portelli, Ortiz, Ramos, Ricoeur e Williams.

**Palavras chave:** Modernização conservadora. Sociabilidade. Narrativas.

**Multiple Keys for Various Grids: “Conservative Modernization”,  
sociability and everyday life in narratives about the arrival of television in the Central  
Sertão of Ceará**

### **RESUMEN**

Este artículo analiza los cambios en la sociabilidad y la vida cotidiana en Quixadá-CE en los años 1960, 1970 e 1980, narrados por los entrevistados y desde la presencia de los televisores e las repercusiones del “flujo” televisivo en la modernización conservadora de la Dictadura. Interpretamos sus informes a partir de discusiones sobre Historia y Memoria y Tiempo y Narrativa, y autores importantes fueron: Certeau, Mello, Novais, Portelli, Ortiz, Ramos, Ricoeur e Williams.

**Keywords:** Modernización Conservadora. Sociabilidad. Narrativas.

## **1 INTRODUÇÃO**

Em 1999 li uma primeira narrativa sobre a “modernização conservadora” do Brasil do século XX com destaque para os anos da ditadura: a proliferação de bens de consumo e os conflitos/exclusões em torno de seu acesso e seus impactos no cotidiano; a consolidação de uma infraestrutura de estradas e telecomunicações; os processos migratórios campo-cidade num

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFMG. É professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Quixadá, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). Email: edmilson.junior@uece.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8712452174688333>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8568-6448>.



processo de “luta selvagem pelas novas posições sociais que a industrialização e a urbanização iam criando”; as batalhas pela casa própria, os sonhos de “fazer um filho médico”, de “não ter patrão”, de ascender socialmente em que as possibilidades do “trabalhador comum são bastante limitadas”; o papel cada vez maior da Mídia e da Indústria Cultural; a disseminação de valores individualizantes e consumistas até mesmo para os trabalhadores que “bem ou mal incorporaram os padrões de consumo e o estilo de vida modernos”; as resistências a mecanismos excludentes (NOVAIS; MELO, 1998).

Passados tantos anos dessa leitura lúcida e sintética de características sociais tão pertinentes, e acompanhando o debate no campo dos bens simbólicos (ORTIZ, 1991; 2014), para além de determinismos e estereótipos reducionistas com novos enfoques sobre o período e o papel das ambivalências da, e na, ditadura (REIS; RIDENTI; PATTO, 2004; 2014), (ROLLEMBERG; QUADRAT, 2010), nos vimos em Quixadá, onde moro e trabalho, em conversas com espectadores da TV nos anos 1960, 1970 e 1980 falando de programas antigos como: “Túnel do Tempo”, “Perdidos no Espaço”, “Mulheres de Areia”, “Meu Pé de Laranja Lima” etc e de como os assistiam nos vizinhos, praças, quando obtiveram as primeiras TVs...

Concebemos, então, por ocasião da perspectiva do estágio pós-doutoral, um ângulo de análise para além de maniqueísmos, visando a historicidade dessas relações sociais do ambiente da ditadura com sua brutal, e ao mesmo tempo excludente, expansão dos bens simbólicos e meios de comunicação. Problematizamos a “modernização conservadora” como “expansão e controle” convivendo juntos numa “tensão constante” (ORTIZ, 2014). Vislumbramos a ditadura esmiuçando aspectos do consumo e do cotidiano no Sertão Central na investigação de sujeitos com suas versões sobre eventos significativos da chegada da TV em suas vidas nessa “tensão constante”. E como protagonistas relativos dos intensos processos comunicativos e do mercado de bens simbólicos em expansão na ditadura:

Os receptores são pela própria natureza da comunicação de massa, parceiros desiguais no processo de intercâmbio simbólico. Comparados com os indivíduos envolvidos no processo de produção e transmissão, os receptores de mensagens mediadas pouco podem fazer para determinar os tópicos ou o conteúdo da comunicação. Mas isso não significa que eles sejam totalmente privados de poder, meros espectadores passivos de um espetáculo sobre o qual não têm nenhum controle (THOMPSON, 2008, p. 35).

Buscamos evitar, portanto, uma visão generalizada da modernização autoritária que encaixaria a realidade de modo determinista, para enveredarmos em um estudo da recepção da TV nos concentrando em versões sobre dados comportamentos em sua sociabilidade:



Creio que nós, adeptos da história oral, temos novamente chance especial, a de reverter velhos procedimentos e de não mais usar mitos do passado para ler o presente e sim usar o presente para reinterpretá-los. Não existem chaves universais. Ao contrário, a fechadura se transforma em chave e vice-versa. Este é o princípio de uma interpretação que opta por envolver-se na sua própria gênese (PASSERINI, 1993, p. 39).

Estudarmos relatos acerca do tempo vivido da modernização autoritária para compreendermos dadas “escolhas narrativas”<sup>2</sup> dos entrevistados e discutirmos significados culturais atrelados a TV. Sentidos mobilizados numa “invenção do cotidiano” entendida na interlocução com Michel de Certeau para engendramos uma leitura da modernização autoritária como experimentada entre “estratégias e táticas”, de forma criativa e limitada, com a televisão e seu fluxo vividos nesse processo tão complexo e intenso de mudanças:

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente” Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito com um *próprio* e, portanto, como capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica e científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo a distância (CERTEAU, 1994, p. 45).

Dessa forma entrevistamos senhores e senhoras adultos nos anos 1970, que pouco sabiam dos programas do fluxo televisivo, mas relataram o seu contato com novos aparelhos e seus impactos, bem como entrevistamos depoentes que eram crianças no mesmo período narrando em detalhes impactos da TV, e do fluxo, em suas vidas. A história oral gerando novos “eventos”, com dadas motivações, sobre “eventos” do passado:

O testemunho oral tem sido amplamente discutido como fonte de informação sobre eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a eventos, a subjetividade, a imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história. (PORTELLI 1993: 41)

Investigamos como narraram no tempo presente suas ações pretéritas. Tecemos chaves de interpretação para múltiplas grades experimentadas: das janelas, ou portões das “casas dos outros”, ferros que protegiam os aparelhos nas Praças Públicas, a grade do fluxo televisivo, em especial da ascendente Globo e seu autopropalado “padrão globo qualidade” que pretendia

---

<sup>2</sup> “O tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”. (RICOEUR, 2010; 93). Outros autores para o debate da tessitura simbólica das temporalidades e dimensões da memória articuladas as lutas sociais e projetos políticos: Sahllins (2003), Hartog (2011), Koselleck (2006), Huyssen (2000), Sarlo (2007).



ser uma grade a moldar o tempo vivido e direcionar sonhos e expectativas no Brasil desigual da ditadura, dramatizando tais situações. Analisamos dadas expectativas, “investimentos”, “o desejo”, a partir da “imaginação” dos entrevistados nesse complexo processo de expansão excludente dos bens culturais da modernização conservadora no tempo do autoritarismo.

## **2 “VOCÊ INTERESSA APRENDER ISSO?”: MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA NAS NARRATIVAS**

Nas narrativas os efeitos da TV são evidenciados em meio a diversos eventos da modernização que entoavam o tempo do progresso, como único e inevitável; que não deve ser visto como um mero desenvolvimento técnico, natural, neutro e sim como fruto de escolhas arbitrárias tanto na sua produção como nas recepções (WILLIAMS, 2016). O tempo vivido não foi, nem é o tempo homogêneo de um avanço técnico, supostamente igual pra todos, e sim campo de possibilidades, muitas vezes negadas, universo de transformações experimentadas concretamente em “agoras” cheios de tensões. (BENJAMIN, 1985).

Nesse sentido a energia elétrica ocupa um lugar essencial quando antes de comentarem sobre as primeiras TVs falavam do tempo da energia a motor e a vinda da “energia de Paulo Afonso”, destacando que testemunharam a chegada do “progresso”. Até riam do pitoresco com essa “*chegada das luzes*”. Sr J<sup>3</sup> lembra que “*no dia em que inauguram a energia aqui no Quixadá, quando chegou, o pessoal passava a noite todinha acordada, a noite todinha acordada olhando pra energia*” [riso] Em meio ao seu riso seu filho, Sr R<sup>4</sup>, intervém para ressaltar o espanto geral, mas que tinha sua razão de ser já que não havia chegado as luzes ainda: “*Todo mundo ficou acordado olhando pra luz, não tinha luz, era só lampião e gás botano, ai quando apareceu a primeira luz em Quixadá todo mundo ficou admirado com a luz que estava dando claridade no bairro, na cidade.*”

Sr Chiquinho do Rádio<sup>5</sup> conhecido na cidade como um dos primeiros técnicos de televisão, e que conheci através de uma monografia em que deu uma entrevista para apresentar fatos relativos a chegada da televisão (GOMES, 2016), nos narrou a cidade em mudança com a energia, o que consolidou sua profissão:

---

<sup>3</sup> Sr J - comerciante vindo de família industrial, 87 anos, entrevista em sua casa dia 19/05/2017. Por conta de situações de constrangimento narradas, optamos por pseudônimos, com exceção do Sr “Chiquinho do Rádio”.

<sup>4</sup> Sr R. Professor hoje, filho do comerciante “Sr J”, tinha 10 anos em 1976, entrevista realizada em sua casa em Quixadá, nos dias 19/05/2017 e 24/02/2018.

<sup>5</sup> Sr. Francisco de Almeida Lemos, o Seu Chiquinho do Rádio, técnico no conserto de rádios e TVs nos anos 1960 a 1990, 87 anos na época da entrevista realizada em sua loja de consertos, dia 20/10/2017.



Porque quando chegou a energia que teve um avanço. A energia de Paulo Afonso quando chegou, que primeiro teve uma energia aqui botada pelo prefeito, uma noite era metade da cidade pra lá, e a outra noite era pra cá, eu aproveitava trabalhava na noite que era pra cá, trabalhava muito a noite fui muitas vezes, era no tempo justamente que eu comprei esse prédio pra pagar as prestações, tinha que trabalhar domingos e feriados pra poder ter o dinheiro no fim do mês pra pagar o dono.

Temos seu fascínio pela energia, pelo progresso e modernização que lhe ajudaram a ascender socialmente, atrelados ao passado e presente, ao falar de si entre as temporalidades, em um acerto de contas com “Paulo Afonso” que chegou a realizar durante a sua trajetória:

Mudou muito. Foi muito bom. Aumentou o numero de clientes porque muita gente comprou televisor por causa da energia, especialmente a de Paulo Afonso. Eu não me recorde bem o ano mas foi uma revolução muito grande quando a energia de Paulo Afonso chegou. Porque a outra era só uma noite pra cá outra noite pra lá, com um motorzão a diesel que era o prefeito na época, que eram os mandões, aí botaram, mas energia como o de Paulo Afonso não tem não. E era a coisa que eu tinha mais vontade de conhecer e fui. Um amigo meu, João Eudes Costa, nós passamos 15 dias viajando no Brasil ele me mostrando o Brasil, a primeira coisa que eu queria ver era a cachoeira de Paulo Afonso, eu fui olhar, ver como eram as turbinas, como é que funcionava aquele negocio, algo maravilhoso.

Já Dona Z<sup>6</sup> foi outra pessoa que narrou do motor que havia antes na cidade afirmando que a limitação não se dava apenas em termos de horário, mas que a maioria ficava no escuro mesmo tendo o motor, e ainda depois da chegada da energia elétrica, onde tinham que viver com lamparina, algo que ela chega a naturalizar:

Era a base da lamparina mesmo, tinha motor, se não me engano era energia a motor, assim quando era umas 9 hora da noite, já apagava tudo, essa era a energia que a gente tinha. Era difícil uma casa para ter essa energia, que o motor que puxava era muito difícil, então a maioria das pessoas eram no escuro, na lamparina mesmo. A gente já tava naquele costume, ninguém nem ligava, a gente já era acostumado nessa então. Hoje é que a gente sente a diferença de antigamente todo mundo na energia, antigamente não sentia a diferença, não achava ruim não.

Ao dizer dos ritmos da “energia de Paulo Afonso” na cidade, pois havia muitos sem acesso, ela ressalta como era algo muito almejado por todos em seu bairro, e que demorava a acontecer, como um verdadeiro sonho a ser realizado. Seu cotidiano aparece então como marcado por essa ausência e esse desejo em meio a “falta de condições”:

Porque quando a energia chegou era poucas casas também, poucas casas também, tinha, foi botando aos poucos. Demorou, muitas pessoas tinham energia mas muitas pessoas não tinham condições de puxar pra casa... Na casa de minha mãe, demorou muito a gente conseguiu morar em uma casa que tivesse energia. Foi difícil. Isso, tinha rua que não tinha, tinha só os postes pra depois puxar, aí foi puxando aos poucos. Porque assim minha mãe morava de casa alugada, então não me lembro

<sup>6</sup> Sra Z, doméstica e depois dona de casa, 14 anos em 1970. Entrevista realizada na sua residência em Quixadá no dia 27/03/2017.



bem, eu sei que a primeira vez que eu morei em uma casa com energia foi uma alegria medonha, sempre eu tinha esse sonho, essa vontade de morar em uma casa que tivesse energia, depois a gente conseguiu, era bom demais diferente daquela lamparina. Porque assim muitos cantos, muitas casas tinha energia, assim e a gente tinha aquela ansiedade de possuir aquilo também. Porque era ruim, a diferença da lamparina para a energia. Era muita diferença. Ai depois quando a gente conseguiu a gente ficava muito alegre. Conseguiu morar numa casa que tivesse energia.

A expressão “*não tinham condições*” aparece em meio a desejos difíceis de serem realizados, como frutos do progresso que não chegavam para a maioria. Assim como outra entrevistada, a Sra F, contou da “*falta de condições*” em meio a modernização seletiva, a ausência da energia elétrica fazendo parte de um cotidiano onde as novidades demoravam a chegar, mas já eram especuladas em meio as relações de solidariedade estabelecidas:

Lá não tinha energia, e nossa casa era uma casa grande, e hospedava muita gente, por conta da família do meu pai ser do interior, nossa casa era de taipa, não tinha energia, a gente só tinha mesmo local onde dormir, e nossas redes lá penduradas, tinha um fogareiro próximo ao quintal de lenha, os “*tamburetes*” feitos de madeira, já contados, quantos filhos eram. Pra mim foi meu refugio em tudo. Tinha energia na cidade, mas em casa não tinha ainda porque meu pai não tinha ainda condições de colocar energia, a maioria das casas lá não tinha não. La a gente usava lamparina e farol, mesmo na nossa casa a gente não tinha, quando a gente se mudou pra outro local foi quando teve energia, mas a lamparina e o farol que era muito na casa resolviam nosso problema.

A modernização com suas rupturas e seus impactos comentados a partir de outro símbolo que se liga a energia elétrica – o televisor, bem de consumo que alimentava o imaginário em contextos particulares, ritmos próprios paulatinos, como fluxo de imagens e sons único capaz de simular o tempo vivido e se colocar como se fosse a maior maravilha tecnológica disponível. Diferentemente do rádio, trazia outras possibilidades, segundo o Sr R:

E a mesma coisa quando apareceu o televisor, todo mundo corria pra casa dos outros pra quem tinha televisão pra poder assistir televisão que nem todos tinham, era só radio, todas as novelas eram narradas no radio e ninguém tinha cena nenhuma, só a voz. Depois quando surgiu a televisão já melhorou a gente via a imagem e escutava as narrações dos atores das atrizes, as cenas e tal.

Acreditamos que tais narrativas apontam para o que John Thompson colocou como um processo refinado do papel da mídia na formação do eu contemporâneo:

Meu ponto de partida é a visão de que, com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos. Ao mesmo tempo, o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre a formação e o local compartilhado (THOMPSON, 2008, p. 181).



Por isso tal “ponto de partida” também é o nosso e voltamos nossa atenção para a fala do Sr Chiquinho do Rádio com suas as “táticas” de dominar o conserto dos televisores e ser um mediador para as grandes marcas e lojas. Mesmo tímidas em Quixadá no início dos anos 1970, mas cada vez mais atuantes, interessava a elas ter alguém autorizado para facilitar a dinâmica do mercado de bens simbólicos. Seu Chiquinho continua a falar entre duas temporalidades, o ontem e hoje, preocupado em mostrar como se apropriou de um dado saber e que ele mesmo não conseguiu continuar, mas deixou no filho tal legado:

Pena que houve uma modificação tão grande no trabalho rapaz, que eu não sei o que é a que gente vai fazer pra trabalhar. Porque não tem serviço de jeito nenhum, com essa historia essa mudança desse sinal analógico pra digital o pessoal do interior mal informado não querem mais mandar consertar os televisores de tubo, só que aquelas LEDzinha e eu não me preparei para trabalhar em Led, mas um filho meu preparou-se ele tem lá a eletrônica dele toda pronta pra trabalhar em LED de qualquer tamanho, eu pego aqui boto a pessoa pra falar pelo telefone e levo lá e lá ele faz e me dá um porcentagem e assim nós vamos levando.

A narrativa articula o ontem ao hoje para mostrar que o encanto pela tecnologia, a sua apropriação enquanto fundamental, se mescla com sua trajetória, de quem conseguiu se fazer através do aprendizado com um técnico em sua cidade natal:

Rapaz isso parece ate uma coisa que a gente já nasce pra isso, porque eu nasci no interior numa fazenda, onde só tinha gado, trabalhei de agricultor, trabalhando, ganhando dia de serviço, pra ganhar um tostão. Ai quando eu fiquei rapaz a gente tinha vontade de ir pros cantos, meu pai era pobre, não tinha dinheiro pra dar a gente, a gente tinha que trabalhar na enxada, puxando cobra para os pés para ganhar um dinheirinho pra poder ir para as festas. Mas quando eu vi a eletrônica não sei porque eu me interessei, finado Gaia lá de Quixeramobim, era a única eletrônica que tinha, tinha uma grade na porta, só entrava quem ele queria, ai eu sempre ia parava lá e olhava, ai um dia ele perguntou “Você interessa aprender isso?”, eu disse Como me interessa’, e ele disse “Pois entre”. Ele foi me explicar “Isso é assim, funciona assim”, a válvula, nesse tempo era a válvula que nem existe mais hoje, da válvula para o micro processador inteligente de hoje tem uma diferença de mil por mil, foi um avanço na tecnologia fora de série, bacana.

O destaque dado aos ‘seminários’ e viagens de aprendizado e ao domínio progressivo da técnica passando da demanda inicial pelos rádios, nos anos 1960, as TVs nos anos 1970. Seminários realçados quando explica relações com vendedores e fabricantes e acaba falando das diferenças entre as tecnologias atualmente e reforça sua legitimidade obtida:

Assim quando foi na década de 1960, eu fui no radio, radio, radio, quando foi na década de 70 começou a chegar televisor preto e branco ai nós mudamos para radio e televisor preto e branco, passou preto e branco, preto e branco, preto e branco, quando foi na década de 80 chegou o colorido. Nós começamos a trabalhar em colorido, nós fizemos, eu e um filho que tem uma eletrônica ali na Epitacio Pessoa, o Júlio Lemos, nós fomos a Recife fazer um seminário da National, ficamos 15 dias



lá estudando, fizemos em Fortaleza da Phillips, da Semp Thoshiba, esses eram os cursos curtos só de semana, passava uma semana, passava uns dias.(...) A gente começou assim quando os comerciantes começaram a vender eles exigiram as fabricas os vendedores dar um seminário pra gente iniciar pra saber como começar e as fabricas mandavam os inspetores ficar aqui com a gente um dia dois três se precisasse, o defeito que a gente não sabia ainda eles ensinavam e a gente foi desenrolando ate que não precisou mais, a televisão que deu o seminário mais longo foi a National que hoje é Panasonic, foram 15 dias no Recife, num hotelzão cinco estrelas, foi muito bom, nós aproveitamos muito, o lançamento do TCC 182, era o modelo do televisor em lançamento na época, era uma beleza, era uns 20 por cento dos que tem hoje [riso] Hoje tem micro processador inteligente.

Ao falar mais uma vez de seu “mestre”, que lhe mostrou os primeiros ajustes na TV em uma oficina, aponta a rede existente para colocar em funcionamento a venda dos aparelhos e sua manutenção a contento, obtendo um papel de destaque enquanto mediador a ser preparado, reforçando que não parou de se “desenvolver” para se legitimar:

A primeira televisão que eu vi foi lá em Quixeramobim lá no finado Gaía, foi o primeiro televisor que eu vi, ele consertou ele tava consertando, eu pedi pra ver, ele me explicou, daí pra cá os comerciantes começaram a comprar. Quando dava defeito eles mandavam pra cá, mesmo eu sem saber fazer, não tinha telefone na época, não tinha nada, mas a gente telegrafava ou escrevia para os inspetores vir, a gente recebeu autorização de três ou quatro, eles não faziam questão, Em Fortaleza tinha os inspetores das autorizadas a gente ia pra lá para eles darem instrução a gente fazia seminário 3, 4 dias uma semana, pra desenrolar pra desenvolver.

Senhor Chiquinho, que ocupa esse lugar específico de mediador na “invenção do cotidiano”, se percebe especial na medida em que para “ser autorizado tinha que fazer esses cursos e que eles pagavam as passagens, davam alimentação, tudo, tudo por interesses deles” já que “era do interesse deles pra gente receber a autorização”. E que fez questão de mostrar como foi reconhecido quando diz que “cheguei aqui no dia 20 de julho de 1960 e estou até hoje”. E que: “eu sou de Quixeramobim, quando eu completei 50 anos de trabalho a prefeitura, a câmara municipal, me deu o título de cidadão quixadaense”. Em meio a modernização conservadora acreditamos que ele soube dominar as “táticas” para se destacar no seu cotidiano em meio as estratégias de expansão das comunicações e bens simbólicos. Sendo que ele pode contar ainda mais da “novidade” que todos queriam ver melhor, é capaz de dar detalhes dos processos do fluxo televisivo que buscava integrar todo o país, mas que tinha ainda problemas em se espalhar com o sinal ainda cheio de “chuviscos”. Tal sinal não era perfeito, longe disso, mas era essa novidade sedutora, disponível, que atraía de noite :

Eu morava no Herval, a primeira televisão que veio pra Quixadá foi trazida pelo finado Poty Teixeira que tinha uma loja com nome Zélia moda, ali lá na esquina na praça, mas rapaz se enchia ficava na frente da casa cheia de gente pra olhar, sinalzinho chuviscado ruim, que ave Maria pra chegar esse sinal aqui veio do pico alto de Baturité com tantos metros de altura daí foi que veio um sinalzinho mais forte pra cá, as antenas aqui eram numa altura de 15, 20 metros, pra poder pegar o





chuveiro, pra poder ver só a sombra... Acima da cidade tem um lugar, lá é 20 metros mais alto que aqui na cidade, um tempo um cabra levou uma TV pra lá e deu bom, nós corria tudo pra lá de noite pra assistir TV. TV era novidade...

A “novidade”, hoje velha, é agora a atração principal nos relatos já que é uma recriação de como viveram mais detalhadamente suas relações com o “fluxo televisivo” – conceito chave para um entendimento de falas da modernização autoritária. Nesses processos de apropriação da técnica pelos sujeitos em seu cotidiano, como fez o Senhor Chiquinho, cabe ressaltar que antes da ditadura já tínhamos esse processo que foi acelerado pela expansão mais agressiva e desigual dos meios de comunicação e bens de consumo no regime autoritário. Tal tensão é o fio condutor nas narrativas que apontam essas duas dimensões. Caso de um casal mais velho e seu filho entrevistados. Os pais, agricultores que trabalharam pesado desde crianças nos anos 1940, narraram como lidaram com o rádio, motores, com o marido tornando-se inclusive mecânico de vários tipos de veículo e ambos depois lidando com máquinas ligadas a uma padaria que começaram a administrar nos anos 1970. Já o filho lembrando muito mais do seu fascínio pela TV que não possuíam<sup>7</sup>. Em ambas situações a “invenção do cotidiano” na modernização seletiva dava-se na interação com os aparelhos na medida do possível, em um processo de restrito acesso, mas capaz, algumas vezes, de ser criativo e um elemento de ascensão social.

### **3 “A GENTE NÃO GOSTAVA DE ASSISTIR NAS CASAS, MAS TINHA QUE IR NÉ?”: FLUXO TELEVISIVO E INVENÇÃO DO COTIDIANO**

Com José Ortiz Ramos temos um sólido diálogo com Raymond Williams e alguns de seus textos clássicos, como o que propôs a noção de “Fluxo Televisivo” em sua especificidade de estar disponível permanentemente como uma nova forma de ver o mundo, compreendendo uma nova experiência que nada tem de neutra ou meramente inserida em um desenvolvimento dos meios de comunicação isentos por avanços tecnológicos naturais. O fluxo televisivo liga eventos, simula o “tempo vivido” e é potencialmente capaz de elaborar uma grade que reúne diferentes programas, ritmos, sons, sensações, diante os espectadores:

É pouco provável que muitas pessoas assistam a um fluxo dessa duração, com mais de vinte horas em um dia. Mas o fluxo é sempre acessível, em várias sequências alternativas, quando ligamos a televisão. Logo, tanto internamente, em sua

<sup>7</sup> Entrevista com o casal Senhor P Nascido nos anos 1930. Agricultor, depois mecânico e padeiro e a Senhora S Agricultora e dona de casa/padeira, nascida nos anos 1930. Entrevista na residência do casal. Data: 26/05/2019.



organização imediata, como em uma experiência geral disponível, essa característica de fluxo parece central (WILLIAMS, 2016, p. 104).

Para Willians estaria em jogo entender as diferentes repercussões do “fluxo irresponsável de sentimentos e imagens” (RAMOS, 2004, p. 63). A “experiência de ver TV” deve ser problematizada de forma complexa e enquanto experiência de se viver e interpretar o mundo, no diálogo com o fluxo sendo capaz de simular o tempo vivido permanentemente (RAMOS, 2004, p. 62-63). Daí que pensemos que estudar a estruturação do fluxo televisivo empreendida principalmente pela Rede Globo, de 1973 em diante, com uma verdadeira “grade de programação” fixa com dadas escolhas e expectativas (RAMOS, 2004) (RIBEIRO, 2010), (HAMBURGUER, 2005), como profícuo para pensarmos interações comportamentais da sociabilidade. Desde que não tentemos impor de forma homogênea e verticalizada um determinismo sobre os contatos com o fluxo. Analisemos as interações concordando com a crítica de Ramos a Williams e suas formulações sobre o fluxo: não podemos “subestimar a complexidade da difusão das produções televisivas e suas possibilidades de leitura, num mundo moderno marcado pela rapidez, fragmentação e visualidade” (RAMOS, 2004:63).

Uma das recorrências nas narrativas dos entrevistados para a pesquisa é a ideia da “novidade”: o fluxo do tempo simulado pela TV, reinventando o tempo e espaço reais, vivido em diferentes posições. O “novo” aparece então como aquilo que simboliza o moderno e recriador de relações sociais e significados culturais ao longo do tempo, mas nem todos acessando-o da mesma forma. Dona Z fala do impacto quando centenas de pessoas viram a primeira TV no seu bairro e a assistiram de forma bem particular, no início dos anos 1970:

A primeira televisão que eu vi foi ali perto da igreja, ele era rico, dono do bairro todo, quando comprou a primeira televisão, abriu um alpendre bem grande na casa dele, e tinha um muro alto. E lá lotou para ver essa televisão a primeira vez, foi a primeira televisão que eu vi. E todo mundo subindo em cima da parede do muro, naquela ansiedade para ver como era uma televisão. Teve gente que ficou trepado nos muros eu também me trepava com a família também, para ver aquela televisão. Depois assim as pessoas foram comprando, as pessoas que tinham condições de comprar. A gente ia dia de sábado com aquela turma de amigo, a gente se combinava fulano tal hora assistir aquele programa de televisão, programa que tinha dia de sábado, a gente se juntava umas dez pessoas a gente ia aqui pro Alto assistir televisão que era bom a “Parada”. Eu ainda me lembro como se fosse hoje, desse programa de televisão.

Sr R também destaca a novidade vista como “surpresa”, “descoberta”, “recém-chegada”, que alimentava a cobiça diante o artefato, como se o fluxo em si já bastasse para ampliar os horizontes na medida em que os sujeitos eram então desafiados a pensarem seus “selfs” diante o fruto do progresso incensado. Comenta dimensões das mudanças na



sociabilidade com a apropriação do fluxo, sobre o que seria ou não o real começando a se espelhar no “virtual”:

Era difícil o acesso porque as pessoas ficavam muito aglomeradas nas casas dos outros né? Nem sempre tinha espaço, muitas pessoas pra assistir televisão, e a casa se tornava pequena pra quantidade de pessoas pra assistir televisão. Porque era uma surpresa né? Era recém-chegada tecnologia aqui no ceara no Brasil no mundo, ai se tornou muito cobiçada a televisão pela ideia, pela própria descoberta, e aquilo ali foi despertando aquelas imagens nas pessoas, aquelas imagens virtuais como se fossem fatos reais basicamente.

A Sra Z recria o evento que viveu cheio de significações falando da sociabilidade naquele instante, tendo em vista expectativas em jogo com a TV, ri ao lembrar do espanto que teve ao não saber como era possível aquilo estar acontecendo:

A primeira vez, que lá era no alpendre dele que era fechado, que tinha o alpendre dele, que tinha portão e tudo. Quando ele comprou que ninguém tinha e era a primeira televisão que chegou na cidade, então ele deu oportunidade para as pessoas entrasse para ver aquilo dali, que para nós era uma novidade que ninguém tinha visto televisão. E eu até pensando como é que fica uma pessoa ai dentro. [riso]

Outra entrevistada<sup>8</sup>, mulher de um vereador responsável pela implementação de uma “TV Comunitária”, numa praça de Quixadá nos anos 1980, também comentou que mesmo ela e sua família demoraram a ter TV apesar de se mulher de um político: “A primeira televisão que nós possuímos, era preto e branco... Nesse tempo televisão num era todo mundo que tinha não. Era preto e branco, nós compramos de segunda, nós compramos de segunda mão”. Também comenta que deixava as pessoas assistirem antes de, junto com o marido, colocarem a TV numa grade na Praça: “Naquele tempo pra ter uma televisão, menino... Hoje a gente tem 7, 8, da melhor qualidade, né, mas naquela época, tu é doido, foi um espanto a televisão lá no bairro, aí pronto, enchia...” ainda disse que acha que conseguiu ter tantas TVs em casa, posteriormente, como uma espécie de “lei do retorno”, visto que enquanto muitas pessoas não deixavam crianças entrarem ela e o marido abriam as suas portas. Assim temos essa novidade realçada com a questão da sociabilidade atrelada as hierarquias sociais como outro ponto chave nas narrativas dos entrevistados.

A TV, e seu fluxo, se inserindo em dadas situações. E principalmente, os entrevistados ressaltando a escassez do veículo, e como isso criou usos do aparelho na terra dos monólitos, já que havia uma demanda crescente pelo fluxo e o que ele representava. Narram como era o acesso e as dificuldades. Sr. Chiquinho do Rádio nos conta que “quem comprava eram

---

<sup>8</sup> Sra V. Nascida em 1938, dona de casa, esposa e apoiadora de um vereador de Quixadá nos anos 1960, 1970 e 1980. Local da entrevista: sua residência. Data da entrevista 06/04/2019.



aquelas pessoas que tinham melhor condição financeira” e “que tinham um empregueinho, porque toda vida foi vendido essas coisas financiadas, teve um tempo que baixou muito os meses para três meses aí as vendas caíram, aumentava para 6 para 12”. Já o Sr R, um dos privilegiados relata que “era, aqui só tinha uma na rua, só tinha a daqui de casa, e as pessoas todas era radio, poucas pessoas da cidade tinham televisor, e era Philco daquelas grandes preto e branco, era 26 polegadas, botão grande” e com a ideia de buscar o fluxo na casa dos vizinhos pra quem não tinha acesso a TV:

[...] o jogo da copa do mundo, as vezes vinham algumas pessoas assistir novela, filme jornal, que eles não tinham televisão, só tinham radio, escutava a novela pelo radio, a novela era pelo radio, depois que surgiu a televisão aí melhorou. E nem todas as pessoas tinham acesso a televisão.

Quem não possuía a TV a assistia de outras formas, encontrava caminhos de lidar com o fluxo, desejá-lo, e realçar isso no tempo presente, pois narram a novidade do progresso prometido, mas negado em suas vidas, expressando isso com termos como “*não tinha televisão*”, “*não tinha condição*”, “*nem todo mundo tinha acesso*”. Repetidas em várias entrevistas, outra expressão, “*casa dos outros*” significava justamente essas outras maneiras de buscar a “*novidade*” como fosse possível em meio a exclusão, como fala a Sra Z: *A gente não tinha televisão, tudo que a gente assistia gostava porque era novidade para nós, a gente não gostava de assistir nas casas mais tinha que ir né? Porque a gente não tinha...*

A Sra F<sup>9</sup>, décadas depois, fala da relação com o fluxo indisponível, no início dos anos 1970, juntando com outras questões que enfatiza marcadamente, onde aparecem dimensões de constrangimento, conflitos e ressentimentos sociais e status no cotidiano daquela época:

Eu tinha uns 11 para 12 anos, a gente tinha uma senhora que morava lá no início da rua, e ela tinha uma televisão, a única, ali na rua, e a gente de tardinha ia para lá, e ficava assistindo televisão na calçada, porque ela não deixava a gente entrar, a gente não tinha acesso. E principalmente dia de domingo que tinha aquelas programações a gente ficava na calçada, a gente chegava lá umas 4 horas da tarde que a casa dela era na sombra, ficava eu e outras irmãs e algumas colegas da gente, algumas eu acho que ainda moram lá, até umas 6 horas, mas a gente não tinha acesso que ela não deixava a gente entrar. Eu me sentia assim meio rejeitada acho que porque ela não deixava eu me sentar pra entrar ficar com as filhas dela, as filhas muito bem arrumadas, tinha energia na casa dela, cadeiras para sentar, até geladeira tinha, eu chegava, me sentia assim rejeitada, ficava me perguntando...

Outra entrevistada, a senhora G<sup>10</sup>, fala de como obtiveram a primeira TV no início dos anos 1970, quando comentou que o pai fez de tudo para as filhas não precisarem mais ir para

<sup>9</sup> Sra F. funcionária pública hoje, 10 anos em 1974, entrevista em sua residência em Quixadá, 12/11/2017.

<sup>10</sup> Sra G, dona de casa, 13 anos em 1970; entrevista realizada na casa da sua irmã, dia 24/01/2018.



“a casa dos outros” e que apesar da pobreza era “*tudo legal*”, em uma fala que narra a presença das dificuldades ao lado de um orgulho pela superação:

Era, na sala, bem no cantinho, assim, da parede, numa mesinha que ele comprou, disse “pronto, agora vocês não vão mais pra casa de ninguém. Fiz todo esse esforço sem poder, fica tudo aqui, chama as amiguinhas ali vizinhas, pronto.” Aí ali a gente ficava, e era... A gente achava tão... Ninguém achava ruim, num é?! Pronto, fomos pobres, mas tava tudo legal.

Ao falarem da indisponibilidade do fluxo remetem ao caráter modernizador do aparelho, valorizado como símbolo de status, e possibilidade de progresso para quem o possuía e podia desfrutá-lo. Os depoentes relatam do seu papel em dadas situações e/ou constrangimentos que passavam desde o não ter a TV, caso da imensa maioria, até ter um aparelho de segunda mão ou não ter a colorida quando começou a chegar em meados dos anos 1970. A Sra G continuou narrando como após finalmente ter uma TV veio a pressão em cima de seu pai pela colorida: “Aí ele dizia assim “Chaga, televisãozinha colorida...”, “Não senhor, que eu num vou ficar devendo, que eu num sou nem maluco, tem televisão aí, porque é preto e branco não tem problema, é a mesma coisa, o que passa lá na sua, doutor, passa aqui na que elas tão assistindo”.

Também sobre a TV em casa com um diálogo direto com o fluxo e o que ele poderia proporcionar como símbolo e mecanismo de progresso e status, a Sra F narrou quando obtiveram e ressaltou igualmente a ideia de orgulho diante as dificuldades daquele instante além de facilitarem para outras pessoas o acesso que lhe tinha sido negado algumas vezes. A ideia de “*começar tudo de novo*” reivindicada para se relacionar com o fluxo, e seus programas, com a imagem de que sua mãe exercia diferentemente o uso do aparelho:

Já quando nos mudamos pro Alto, meu pai depois de uns 3 anos que a gente chegou, nós chegamos em 72, aí meu pai teve a oportunidade de comprar uma televisão preto e branco, fiquei feliz demais porque dia de domingo a gente assistia as programações, assistia Flávio Cavalcante, o Jota Silvestre, era bom demais, ate as pessoas mesmo iam lá pra casa assistir televisão, que minha mãe não tinha nem um problema não, ela enchia a casa, ficava tudo no chão, tudo sentado assistindo televisão tinha problema não. Mas naquela época apesar das dificuldades eu ainda sou feliz hoje do que eu passei, começaria tudo de novo se fosse preciso.

Relatam assim do avanço em obter um televisor mesmo preto e branco e depois a TV a cores se tornando nova vedete, como metáfora para um pouco mais de avanço na vida social da família. A experiência de ver, e de ter, a TV na percepção do fluxo enquanto um tipo de “progresso” capaz de ser sempre aprimorado. Dona F tecendo tramas coletivas e familiares, o dilema das migrações em busca da sobrevivência, nos dizendo como era tudo difícil, com a



pressão social em não ficar de fora da novidade. Após ter a TV, ter a TV colorida, mesmo que com um “artifício” que mexia ele mesmo com a imaginação dos desejos por status:

Depois que papai comprou essa televisão preto e branco passou um pessoal de fora vendendo umas telinhas coloridas pra dizer que a televisão era colorida, minha mãe comprou essa tela muito com sacrifício, com o dinheiro que meu irmão mandava do Rio, ele tinha ido embora, ela comprou, parece que na época era até cruzeiro, parece que foi 3 cruzeiros, o rapaz todo final de mês ia buscar esse dinheiro, anotava no papelzinho. Essa tela era tinham varias cores a mamãe botava. A gente ficava assim feliz por causa que tinha uma televisão a cores dentro de casa. Pronto, foi melhorando mais, outro irmão foi embora, um outro foi trabalhando, estudando, mas assim com muito sacrifício. Eu acho que quem sofreu mais nas casas dos outros fui e eu minha irmã mais velha, difícil você morar na casa dos outros, eu disse não da certo não, eu vou voltar. Graças a Deus voltei deu certo.

Outro narrador, o Sr. M<sup>11</sup>, comenta esse valor dado a TV colorida como um novo elemento de status social bem como essa “tela” artificial como “tática” de amenização. Trata-se do filho do casal que começou a conviver com máquinas em seu cotidiano nos anos 1940 e 1950 e que entrevistamos juntos. Ele, assim como os outros entrevistados bem jovens nos anos 1970, atribuiu forte valor ao fluxo televisivo naquele momento e evidencia a necessidade de após conseguir o aparelho, aprimora-lo, daí o uso dessa “tela colorida”: “Pra ficar colorida sabe o que apareceu? Apareceu uns vendedores na porta vendendo uma tela de vidro que tinha 3 cores, em cima era azul, no meio era vermelho e embaixo era verde, ele botava em frente à televisão, grampeava aqui, ficava assistindo colorido”.

Sobre os constrangimentos e contatos com o fluxo ressaltou também sua experiência mais singular em como fazia para conseguir assistir TV pela janela de uma casa em que se vendiam “dindins” e que ele, e outros, para assistirem dentro da casa, tinham que compra-los, caso contrário, não passavam da janela e às vezes nem isso:

Que eu ia assistir televisão lá, que tinha que comprar dindim pra poder assistir televisão, que eu... E ele tinha uma televisão também lá, sabe, aí eu ia pra lá pra... Quando eu tinha dinheiro pra comprar o dindim, aí eu ficava lá assistindo Perdidos no Espaço, naquele tempo, aí eu ficava chupando dindim bem devagarinho pra poder assistir Perdidos no Espaço. Aí quando eu não tinha dinheiro pra comprar o dindim, aí eu ficava assistindo lá da porta, da janela...

Na sua narrativa sobre o tempo da chegada da TV e o encantamento pelos programas, temos aspectos da sociabilidade em transformação atrelada a relações de poder aparentemente pueris, mas que apontam a invenção desse cotidiano pelos sujeitos com suas táticas, em meio as estratégias gerais do processo, para lidarem com a exclusão e fascinação pelos bens simbólicos nessa dupla dimensão da modernização conservadora:

<sup>11</sup> Sr. M, enfermeiro, 10 anos em 1972. Entrevistado na casa dos pais, Sr P e Sra S, no dia 26/05/2019.



Era, pronto, aí eu ficava assistindo da janela, aqui, aí quando tava assistindo da janela, aí a filha dele fechava a janela, “vá arrumar dinheiro pra comprar dindim que você assiste Perdido no Espaço”, aí eu ia na mãe, pra pedir dinheiro, pra comprar dindim. A mãe lembra, mãe? Eu ia pedir dinheiro pra comprar dindim, pra assistir Perdido no Espaço, aí dizia: “mãe, fecharam a janela, mãe.

O acesso restrito concebido nas relações concretas de humilhação social, o drama das migrações, ou o uso de uma “telinha colorida”, apontam adaptações inusitadas do fluxo em meio a situações de dramas coletivos da modernização conservadora, indicam “táticas” para uma proximidade maior ao tempo do progresso e seus fascínios. Os receptores não ficavam diante do “espetáculo de forma passiva”, mas eram de fato “parceiros desiguais no processo de intercambio simbólico” (THOMPSON, 2008, p. 35) até mesmo na forma de como experimentavam, entravam em contato com o fluxo televisivo. Apesar de “criativamente” experimentado o cotidiano possuía hierarquias e condicionamentos sociais marcantes que são retomados pela memória ao destacarem o peso dessas exclusões e a alegria de dribla-las.

Daí citarmos uma última forma de apropriação do fluxo das TVs vislumbrada nas narrativas: as chamadas “TVs nas praças”.<sup>12</sup> A Sra F falou de uma TV na praça do seu bairro, já nos anos 1980 e início dos anos 1990, obtida por um vereador próximo, e em meio aos temas de como ela, e sua família, passaram também além de ter a TV em casa, a administrar o uso da chave do cadeado da grade da TV, fazendo uma justa administração do aparelho:

Tinha um senhor que ele até padrinho do meu sobrinho, e colocou essa televisão na praça, que ficava de frente a janela que minha mãe ficava. Tinha um guarda que ficava lá com essa chave, o guarda chegava as 6 horas ai ele abria essa televisão e tinha o horário de fechar que era 10 horas, quando o guarda não vinha eu achava bom demais porque ele deixava a chave lá em casa, ai a gente abria ficava lá sentada tinha um pezinho de arvore, que ate hoje permanece, foi eu e minhas irmãs que plantamos, ai a gente assistia a programação, ai tinha a programação da Globo, da Manchete, passava aquela minissérie daquela mulher que virava onça, tinha o jornal, muito bom, sempre gostei muito de assistir o jornal, ai passou bem uns 4 anos, essa administração, ai depois tiraram essas televisões, mas tinha em todos os bairros, em todo bairro tinha uma televisão e tinha um guarda responsável pra tomar de conta, pra zelar. Mas era bom porque tinha a missa ai terminava a missa o pessoal ia assistir televisão porque nem todo mundo tinha televisão em casa. E dia de jogo todo mundo sentava, levava os banquinhos para assistir o jogo.

Para ela e outros atores sociais foi uma forma de ter alternativas para interação com o fluxo televisivo e sua capacidade de simular o tempo vivido. A TV na praça no final dos anos

---

<sup>12</sup> A monografia de Gomes informa as TVs nas Praças como promessas de campanha e apresenta com base em relato oficial da prefeitura que a entrada da TV foi numa praça em 1966 pelo prefeito. Algo que nas nossas entrevistas aparece de outro jeito na medida em que falam primeiramente de assistir TV nos vizinhos e posteriormente nas praças. De qualquer forma a novidade, a TV, símbolo do progresso, mobilizada em usos dos sujeitos e disseminando o poder do fluxo em simular o tempo e ser referência para o vivido. (GOMES, 2016)



1970 e início dos 1980 para ritmos distintos, unir, aglutinar mesmo quando muitos mais já tinham TV, ainda que estivesse longe de termos a presença do aparelho em mais de 90% dos domicílios – algo acontecido nos anos 1990 (HAMBURGER: 2005)<sup>13</sup>. A TV na praça foi mais um mecanismo de “solução” no cotidiano em que se percebe o fluxo cada vez mais uma referência para o tempo vivido como apresentou a Sra F ao comentar as idas as praças para assistir e conversar, fatos reforçados pela Sra Z:

[...] a gente ia pra praça da cathedral, lá tinha uma televisão trepada assim, ficava aquela turma de gente sentada, assistindo a novela na praça, ficava aquelas pessoas na praça, assistindo, pra gente era bom aquilo pra nós era uma novidade, que a gente tinha na cidade era só aquilo dali, a televisão na praça, bora pra praça assistir televisão, ai a gente ia, e ela lá a gente ia toda noite.

Alternativas foram criadas e o fluxo vivido/mobilizado em situações concretas na medida em que entrava como ingrediente de definição nessa “invenção do cotidiano”. Nesse sentido analisemos um pouco mais como expressaram, em seus relatos no tempo presente, determinadas imagens das narrativas midiáticas veiculadas pelo fluxo televisivo no passado.

#### **4 “COMO SE FOSSEM IMAGENS REAIS, MAS SÓ QUE ERAM IMAGENS ARTÍSTICAS”: NARRATIVAS SOBRE OUTRAS NARRATIVAS**

Interpretar narrativas dos entrevistados sobre programas que assistiram pode ser útil, entre outras coisas, para o estudo do fluxo recriado de maneiras particulares no sentido das escolhas por determinados programas e não outros e avançarmos na análise de sua presença na sociabilidade, atentando para a especificidade das narrativas e como os sujeitos as apresentam. Ou seja: não se pode definir a experiência de ver TV apenas pelo que a grade pretendia condicionar e devemos estudar também a influência dos programas dentro do fluxo.

Sofisticamos tal interpretação por não se tratar de querer definir o que foi pensado décadas atrás pelos espectadores, e muito mais compreender a relação entre as temporalidades e as memórias elaboradas sobre dados filmes, seriados, novelas. Décadas depois analisarmos como compreendem o seu tempo vivido e escolheram dadas imagens na criação de dadas

---

<sup>13</sup> Em livro pioneiro sobre a TV, Kehl usa números de como a modernização conservadora era sedutora/seletiva, de restrição a compra e alcance amplo: “Esses dados não significam que, nessa grande maioria de domicílios interiores sem televisores, as pessoas não vejam televisão. A instituição dos televisinhos ainda existe nas pequenas cidades, e até mesmo nas praças públicas as prefeituras dos interiores do Brasil andaram instalando aparelhos de TV para que suas populações não fiquem a parte da sintonia coletiva que realiza simbolicamente a nação. Mas significam o baixo poder aquisitivo das populações das cidades do interior, que exatamente por isso são marginalizadas enquanto público-alvo da publicidade e da programação em geral.” (KEHL, 1986; 216)





“identidades narrativas” (RICOEUR, 2010) na forma de se apresentarem diante seu tempo presente a partir de seus relatos sobre o fluxo televisivo em suas vidas. Tempo e narrativas em dialogo, superando dicotomias, ação e significado e obra e recepção em interação:

Toda referencia é co-referencia, referencia dialógica ou dialogal. Portanto, não é preciso escolher entre uma estética da recepção e uma ontologia da obra de arte. O que um leitor recebe é não só o sentido da obra, mas através de seu sentido, sua referencia, isto é, a experiência que ela traz para a linguagem e, em ultima instancia, o mundo e sua temporalidade que ela estende diante de si (RICOEUR, 2010, p.: 134).

Assim, que Dona F ao responder sobre programas que recordava destacou enredos próximos ao que vivia na época com sua família, sendo que o acompanhamento do fluxo podia ser somente no início e ao fim das tramas. O que reforça como a ligação com ele muitas vezes não era frequente, mas nem por isso não deixava de marcar as pessoas enquanto narrativa que despertava desejos em torno da “novidade” seletivamente disponível:

A primeira vez que eu assisti a televisão foi o “Meu pé de laranja lima”, era uma historia muito triste de um adolescente que morava na roça e ele contava, ele falava com essa arvore “Meu pé de laranja lima”, então os problemas que ele passava com a família no dia a dia ele ia lá e falava com ele, era tipo uma novela durante a semana. “Meu Pé de laranja lima”, a gente só ia só por causa do meu Pé de laranja lima, tinha uns filmes antigos, não tinham nem desenho animado na época, tinha desenho animado não, tinha também uma novela que começou Éramos seis, uma novela muito boa, uma família também que sofreu muito, muito boa. Mas a gente só ia pra ver o resultado, o inicio da novela e o resultado, ate porque parecia demais com o dia a dia da gente com o que a gente passava, muito boa, Éramos 6.

Dona Z fala a partir de expectativas que diz ter tido na época, recriando narrativas dos seriados a partir da percepção do que devia estar acontecendo no fluxo e como a trama iria continuar. Ao falar do seriado “Túnel do Tempo” via os protagonistas como sendo “dois irmãos”, e sua grande “ansiedade” era para que pudessem se encontrar, já que começavam, segundo ela, separados ao caírem do “espaço” e ficavam muito preocupados um com o outro:

O Túnel do tempo era dois irmãos que andavam juntos no espaço, quando eles baixavam na terra eles as vezes caíam do espaço e ficavam separados, e assim era tipo uma ansiedade que a gente tinha, ficavam procurando um ao outro, quando eles se encontravam também a gente se emocionava, porque eles se encontraram.

“Perdidos no Espaço”, então, citado por todos os entrevistados que eram crianças nos anos 1970, também teve seu enredo interpretado por ela a partir de como enxergava um personagem, provavelmente o “Doutor Smith”, sabotador da missão espacial, que só fazia “besteiras” e atrapalhava a todos mesmo alertado por um “robô”:



Que tinha um bestão né, eu esqueci o nome, tinha um bestão que só fazia coisa errada, não fazia nada certo se tinha alguma coisa pra fazer, vinha ele pra atrapalhar, então era um bestão. Que só fazia atrapalhar, tinha um robô, andava junto, e o robô falava o que ia acontecer. E muitas vezes o bestão atrapalhava, o robô falava para ele, isso assim, assim, mas ele ficava era o fim da picada.

Chama atenção como tantos anos depois em meio a fragmentação do fluxo com suas infinitas “intrigas” veiculadas, elaborem memórias a partir de seus projetos e possam explicá-las com suas próprias palavras apontando por exemplo a dinâmica de esperarem pelo episódio seguinte e a “ansiedade” de saber o fim das tramas. Defendemos que criaram suas identidades narrativas também a partir de “eventos marcantes” que presenciaram no fluxo. Assim, o mais interessante, e talvez o ideal, seja estudarmos o papel geral e organizador do fluxo atrelado as especificidades de cada programa, com destaque a narrativas de ficção científica de forte apelo a imaginação de quem era criança naquele período. Sobre eventos marcantes a Sra F deu mais elementos de suas relações com o fluxo e dimensões da sociabilidade através da experiência televisiva na cidade:

Eu tive até a oportunidade de assistir jogo da copa, o Pelé, o pai gostava de assistir jogo, e as vezes quando dava certo a gente ir a gente ia para outro canto. Lá para dona Consuelo, era um alpendre bem grande era fazia jogo de bicho aí o pessoal aproveitava encerrava 5 horas, lá tinha uma televisão quem passava na rua na calçada dela as portas estavam aberta, a gente entrava e assistia o gol do Pelé eu não entendia muito porque eu era pequena mas eu via o pessoal tudo gritando é gol do Pelé, o papai vibrava demais e a dona Consuelo quando terminava o jogo, a garrafa de café tava pronta, pra quem tava assistindo o jogo, porque fazia o jogo com ela e pra ganhar a confiança ela fazia um cafezinho.

Sr R foi outro que recordou da realização da copa de 1970. Porém a narra como se tivesse sido no Brasil, sendo que aconteceu no México. Tal “equivoco” indica como o fluxo o mobilizava de dada forma naquele momento a ponto de confundir onde realizou-se a copa mesmo décadas depois, inclusive sabendo quase de cor a escalação da seleção campeã:

Uns quatro anos, 4 a 5 anos, depois foi melhorando, depois apareceu o jornal, depois do jornal globo repórter, foi aparecendo jogos, aí veio a copa do mundo, a copa de 1970, ela foi sediada aqui no Brasil. Assisti a copa do mundo de 70 aqui em Quixadá na televisão. Pelé, Jairzinho, Carlos Alberto Torres, Tostão, Rivelino, Marinho, Félix, o time do Brasil todinho de 70 eu me lembro, o Brasil foi campeão.

Relatou ainda o fluxo bem no início dos anos 1970: “passava o Zorro, Viagem ao fundo do mar, Mulheres de areia, novela, só passava isso aí filme e novela, só tinha isso aí, não tinha jornal não...” destacando o fluxo em outros canais, em especial antes da rígida estruturação feita pela Globo que também estava iniciando seu monopólio o que ele também apresentou com alguns dos primeiros programas clássicos da emissora. E também o que



chama de “*imagem virtual*” termo usado para explicar uma clivagem depois de ser “*ludibriado*” e ter percebido que o mundo real era diferente do mundo da TV:

A gente achava interessante porque uma pessoa da imagem virtual, é diferente da imagem real, a imagem virtual é o que está dentro da tela, que esta transmitindo pra gente suas emoções, seus impulsos, seu dia a dia, a sua vida cotidiana em imagem, e quando sai pra vida real a imagem virtual é diferente da vida real, essa que foi a diferença, a gente se emocionava pelas cenas a gente se sensibilizava com as imagens, como se fossem imagens reais mas só que eram imagens artísticas.(...) Depois com o tempo foi que eu comecei a entender que aquilo era uma imagem virtual, aquele cara não era mesmo o Zorro, era um ator fazendo a personagem do filme. Pensei que era o cara, depois foi que vi que era um personagem.

Sr. R continua a falar dessa descoberta aprofundando ainda mais as relações entre o que chama do real e o virtual. Comenta dos atores que “morriam” e “voltavam”, para surpresa de muitos, apesar dos ritos fúnebres realizados e do papel do fluxo na imaginação social:

As pessoas se emocionavam quando do fato irreal da novela quando o ator morria a gente pensava que aquela pessoa tinha morrido mesmo, e muitas vezes as pessoas choravam se sensibilizavam pela morte do ator da novela que ali não era uma morte normal, que era uma morte criada pela própria história da novela, e aquilo despertava a gente, a própria morte, o velório, o sepultamento, a missa de sétimo dia, foi despertando essas criatividades ilusórias, da imaginação da gente, a imaginação da gente foi ficando mais fértil.

Vejamos que Chiquinho do Rádio, por sua vez, a partir de sua posição de mediador, também indica que não era tão importante para ele assistir o fluxo e sim que o mesmo o ajudou a criar seus filhos através das sensações que despertava nas pessoas obrigando-as a consertar seus aparelhos. Talvez por isso narre que era “tudo igual” na programação numa percepção do engessamento do fluxo, e ressalte que as novelas tinham o mote do “suspense” diário que gerava ansiedade e tornava imprescindível sua função de resolver os “defeitos”:

Os programas não lembro mais não, TV é sempre a mesma coisa, propaganda comercial... Novelas. As novelas vieram surgindo, elas não surgiram logo que a TV começou não, foi com algum tempo. E graças as novelas que a gente ganhava um dinheirinho porque interessava as novelas, e todo mundo queria que fizesse logo para levar, para não perder a novela, a novela foi uma das coisas que fez muito a gente ganhar um dinheirozinho pra comprar alguma coisa. Eu comprei um carro.

Temos seu papel na cidade como aquele a quem recorriam para não deixarem o acesso ao fluxo ser interrompido, o que lhe garantiu um tipo de ascensão e legitimidade social:

Eles sempre deixavam aquele negócio tipo no cinema, aquela parte ali pra gente não perder, para no outro dia começar. Novela sempre foi uma coisa boa pra nós, quando tinha uma novela boa não faltava televisão pra consertar, não faltava não. Porque o pessoal vinha e queria levar logo, eu cheguei aqui a ter 3 funcionários pra me ajudar pra poder dar conta de tanto televisor.



No estudo de narrativas sobre o fluxo percebe-se então como narraram os diferentes usos do aparelho a partir de como viveram a TV e outras dimensões da modernização autoritária. Produzir e discutir relatos com entrevistados sobre antigas narrativas midiáticas vem sendo, portanto, formular novas narrativas inclusive essa que termino agora. Refletindo questões como as levantadas em uma coletânea que utilizou Paul Ricoeur e sua discussão sobre o caráter temporal da narrativa e o caráter narrativo do tempo, no estudo de processos midiáticos diversos para a compreensão do papel social das narrativas:

A articulação entre narrar e ler narrativas, em co-presença ou pela mediação de um livro, de um filme, de um telejornal, de uma telenovela ou qualquer outro dispositivo aponta radicalmente para a impossibilidade de dotar as narrativas de sentidos iminentes, assim como para uma lógica de diálogo, estabelecida não somente entre pessoas, mas também com tradições culturais, com pressupostos éticos e morais, enfim, com um conjunto de situações que as inscrevem nos aludidos contextos da circularidade social virtuosa (CARVALHO, 2013, p. 50).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas. VI. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARVALHO, Carlos Alberto & LEAL, Bruno Souza. (Orgs) *Narrativas e Poéticas Midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013.

CERTAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Alcir Henrique da. KEHL, Maria Rita. SIMOES, Inimá Ferreira. *Um País no Ar. História da TV Brasileira em Três Canais*. São Paulo: Brasiliense/FUNARTE, 1986.

GOMES, Andre Luiz de Freitas. *A televisão aberta como veicula de comunicação de massa e as construções e transformações de novos hábitos sócias e culturais na cidade de Quixadá entre os anos 1989 e 2004*. Monografia Historia; FECLESC/UECE, Quixadá, 2016.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil Antenado: A Sociedade da Novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória. Arquitetura, Monumentos, Mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. São Paulo: Contraponto, 2006.



NOVAIS, Fernando. & MELO, João Emanuel Cardoso de. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: SCHWARZ, Lília. (org) *História da Vida Privada no Brasil. Volume 04. Contrastes da Intimidade Contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. .

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PASSERINI, Luísa. Mitobiografia em História Oral. *Projeto História*. n. 10, dez. 1993.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, pp. 41-58, 1993.

RAMOS, Jose Mario Ortiz. *Cinema Televisão Publicidade. Cultura Popular de Massas no Brasil nos Anos 1970-1980*. São Paulo: Annablume, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTA, Rodrigo Patto Sá, (Orgs.) *O golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

REIS, Daniel Aarão Reis; RIDENTI, Marcelo Ridenti; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil - 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. SACRAMENTO, Igor. ROXO, Marco. *Historia da Televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROLLEMBERG, Denise. QUADRAT, Samantha. (orgs) *A Construção Social dos Regimes Autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAHLLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado. Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia*. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WILLIANS, Raymond. *Televisão. Tecnologia e Forma Cultural*. São Paulo Boitempo / Belo Horizonte PUCMINAS, 2016.